

DOSTOIÉVSKI E NIETZSCHE: A AÇÃO DO SACERDOTE NA CONSTRUÇÃO DA MORAL DO RESSENTIMENTO

Mauro Lopes LEAL
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
gravilaikos2013@gmail.com

Resumo: O trabalho busca relacionar Sônia Ivánovna, personagem da obra *Crime e Castigo*, do escritor russo Fiódor Dostoiévski, com determinado aspecto da filosofia de Friedrich Nietzsche, mais precisamente no que diz respeito à questão do sacerdote. Para o filósofo em questão, o sacerdote é o tipo de indivíduo que manipula, que doutrina e subverte todas as características humanas de força e vigor, condenando aquele que o segue a uma existência debilitada e doentia em um sentido moral. Sônia, sob esse ângulo, atua como sacerdote sobre a personagem central de *Crime e Castigo*, a saber, Ródion Raskolnikov. O romance em questão trata de um crime praticado por Raskolnikov contra uma velha usurária, Alióna Ivánovna, e que por força da circunstância, foi obrigado a matar a irmã daquela, Lizavéta. Após o crime, o rapaz - que se julgava um indivíduo extraordinário a quem tudo era permitido, até mesmo matar - é acometido de uma grave crise de consciência que o fez adoecer. Arrepentido de seu crime, Raskolnikov confessa-o a Sônia, que, conforme a filosofia nietzschiana atua como uma espécie de sacerdote sobre Raskolnikov, convencendo-o a se entregar. Sônia é, portanto, a iniciadora do processo de conversão de Raskolnikov, conversão esta que, na obra, não está absolutamente confirmada. O ponto central do trabalho em questão é mostrar como a ação de Sônia sobre Raskolnikov o conduz a uma espécie de moral de rebanho, conceito cunhado por Nietzsche em *Genealogia da Moral*, e que, basicamente, significa o nivelamento dos homens ao nível de uma moral da resignação, do conformismo e da subserviência. É o que Sônia propõe a Raskolnikov quando o aconselha a aceitar o caminho da religiosidade e da conversão.

Palavras-chave: Dostoiévski; Nietzsche; Raskólnikov; Sônia; Crime.

1. Introdução

Nietzsche considerava *Assim falava Zaratustra* uma das suas principais obras, e não podia ser diferente, pois através do filósofo persa, Nietzsche expôs o seu projeto de transvaloração dos valores e como este conduzia ao além do homem, tipo este que não deve ser interpretado como uma nova espécie de homem, que viria a substituir o antigo, mas que pode ser considerado como a superação do homem de si mesmo, ou seja, não mais voltado para o âmbito do imaginário, do idealizado, do substancial, mas sim aquele que renega a influência de Deus, que aceita e deposita suas crenças somente na terra. Para tanto, a atuação da psicologia, não a tradicionalista, segundo o filósofo alemão, mostrava-se indispensável para essa renovação, uma vez que é nesta ciência que o homem dito comum poderá vir a se encontrar, no sentido de autoconhecimento de si como ser orgânico, desatrelado de sistemas morais ou concepções metafísicas.

Conforme Nietzsche, a psicologia foi esquecida e tornou-se pobre no que tange ao estudo não das pessoas, mas da própria humanidade: “Falta a arte da dissecação e composição psicológica na vida social de todas as classes, onde talvez se fale muito das pessoas, mas não do ser humano” (NIETZSCHE, 2005, p.41). Tanta ênfase na psicologia se explica devido ao fato de que seria ela a responsável pelo início da aplicação prática da transvaloração dos

valores, uma vez que auxiliaria Nietzsche na derrubada de dogmas metafísicos até então concebidos como inabaláveis, assim explica Oswaldo Giacóia Junior:

A investigação sobre a natureza humana e a origem do ego constitui uma das tarefas do psicólogo Nietzsche; mais precisamente, a tarefa que o distingue como psicólogo e de cuja execução depende, em grande parte, a realização do projeto de transvaloração dos valores. É por meio dela que o psicólogo poderá trazer à luz o erro fundamental que está na base de todos os majestosos edifícios teóricos da metafísica e, desse modo, quebrar o encantamento que mantém em estado permanente de sonho e sono o filósofo, cuja missão o destina, porém, a ser aquele que tem de estar desperto (2001, p.8).

Com Zaratustra, o filósofo alemão aponta para a superação do homem moral, metafísico, superação esta efetuada através da autonomia, da liberdade, mas esta não no sentido absoluto, uma vez que o homem não é, por natureza, um indivíduo livre, pois está preso aos limites que são impostos por essa mesma natureza, mas liberdade no sentido de possibilidade de criação:

Todos os meus sentimentos sofrem em mim e estão aprisionados; mas o meu querer chega sempre como libertador e mensageiro da alegria. “Querer, libertar”: é essa a verdadeira doutrina da vontade e da liberdade; tal é a que ensina Zaratustra (NIETZSCHE, 2003, p. 76).

A psicologia nietzschiana, nesse âmbito, auxiliaria o homem nessa busca por liberdade, na intenção de conduzi-lo à concepção de agente criador de valores, e não apenas receptor, isto porque a psicologia proposta por Nietzsche está relacionada com a realidade, afastando-se de verdades estabelecidas e de faculdades e outros elementos eleitos como pontos centrais do pensamento do homem, tal qual a psicologia tradicional com relação a consciência.

2. Psicologia nietzschiana: a consciência

A consciência inegavelmente tem sido objeto de estudo das mais diversas áreas do conhecimento, sendo até mesmo abordada na literatura, principalmente nas obras da modernidade, cujo caráter psicológico substituiu radicalmente as tendências românticas presentes nas obras do século XVIII, como nos diz Anatol Rosenfeld, que aborda em sua obra *Texto/Contexto*, no capítulo denominado Reflexões sobre o romance moderno, a presença da psicologia nos romances modernos, mais precisamente no que tange à questão da consciência, uma vez que:

A consciência como que põe em dúvida o seu direito de impor às coisas – e à própria vida psíquica – uma ordem que já não parece corresponder à realidade verdadeira [...] Trata-se, antes de tudo, de um processo de desmascaramento do mundo epidérmico do senso comum (2006, p.81).

Os romancistas modernos, tal qual Dostoiévski, ao abordarem em suas obras essa psicologia realista, que muito se aproxima daquela proposta por Nietzsche, promovem o perspectivismo nas obras literárias: agora não está mais posto claramente quem é o herói, no sentido romântico, característica esta que se distingue claramente nos personagens dostoiévskianos, cujo caráter paradoxal dos mesmos é bastante contundente.

A psicologia na literatura imprime nas obras literárias da modernidade a presença de um realismo que modifica as próprias estruturas do romance tradicional, tamanho o impacto provocado por essa nova perspectiva. Um exemplo disso é a desestruturação do tempo e espaço, antes delimitados com clareza, na modernidade se fundem, quase sempre em uma reflexão psicológica, principalmente do personagem, tal qual Raskolnikov, como se verá, que por vezes, após ter cometido o crime, perde sua noção de tempo e espaço, não sabendo onde está ou o que pretendia fazer em determinado local.

Nietzsche, como já foi dito, como leitor declarado de Dostoiévski, certamente analisou com atenção a questão da consciência presente em alguns romances, principalmente russos e franceses, uma vez que em tais obras, retratava-se o homem moderno em conflito com novas tendências não só de comportamento, como também de pensamento.

A atrofia do homem moderno nas suas mais intrínsecas e obscuras particularidades foi um assunto não somente abordado por Nietzsche, mas também por Dostoiévski. Em *Notas do Subsolo*, temos um personagem enfermo: “Sou um homem doente...” (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 11) que de um modo singular mantém-se isolado da sociedade, apesar de estar nela não somente inserido, mas atuante; é um refém do ressentimento que nutre pelas demais pessoas, a quem toma por agressores, mesmo que não sejam. Mas pondo-se no papel de ofendido, o homem do subsolo, o ressentido, repassa ao outro o título de opressor e, conseqüentemente, mau.

Nesse indivíduo temos a supervalorização da consciência. Esta, vista sob o ponto de vista psicológico tradicionalista como elemento central para a decifração da personalidade humana e suas características mais intrínsecas. Através do estudo da consciência, a psicologia tradicional, ou metafísica, acreditava poder definir o homem enquanto ser racional determinável empiricamente, chegando até mesmo a “conclusões” definitivas sobre sua conduta moral. Nietzsche se contrapõe a esse destaque conferido à consciência, condena de forma bastante expressiva tal culto metafísico à consciência, como nos diz Giacóia Junior:

Uma das razões fundamentais pelas quais Nietzsche se considera o primeiro psicólogo da Europa é porque o seu empreendimento crítico consiste, no essencial, em desconstituir, ou, dito de maneira mais radical e fiel ao projeto, em Destruir essas pilastras metafísicas sobre as quais se assentavam não somente a psicologia racional, como também as bases teóricas da psicologia em geral [...] (2001, p. 22)

Uma dessas pilastras é, sem dúvida, a consciência e a supervalorização a ela concedida, sendo até mesmo considerada por muitos ramos do conhecimento como a dirigente máxima do ser humano, ou seja, responsável por faculdades como a imaginação, a criatividade, a análise etc., concepção esta combatida por Nietzsche, para quem tais faculdades devem ser compreendidas como características do corpo humano, como explica Scarlett Marton:

Se fosse possível falar em sensibilidade, imaginação, entendimento e razão, deveriam ser pensados como fruto do desenvolvimento orgânico. É nesse sentido que o filósofo (Nietzsche) pergunta: “Existe aberração mais perigosa do que o desprezo do corpo? Como se, com isso, toda a espiritualidade não tivesse condenada a tornar-se – doença, aos vapores do “idealismo” (NIETZSCHE, Fragmento Póstumo 14[37] da Primavera de 1888). É, pois, a fisiologia que explica como é possível conhecer (SCARLETT MARTON, 2001, p. 169).

A ênfase de Nietzsche ao corpo, ao orgânico, deve-se ao fato de que é através da concretude corpórea (e da relação deste com o meio que o cerca) que o homem irá interagir

com os seus semelhantes e com o meio no qual está inserido para efetivar o ato do conhecimento. Ao situar a questão sob esses termos, o filósofo alemão renega qualquer elemento de natureza metafísica dito indispensável à existência humana: “De fato, o mundo que nos interessa em alguma coisa e que é criado por nós – por nós significa por todos os seres orgânicos -, é um produto do processo orgânico, que aparece como produtivo-configurador e criador de valores”(NIETZSCHE, 2005, 26[203] p.186-187). Em outras palavras, o homem ao buscar conhecer, entender ou explicar, está simplesmente interagindo conforme suas necessidades orgânicas. Nesse sentido, tomando por base o pensamento nietzschiano, não se pode falar em uma psicologia da consciência puramente racional.

O que deve ser observado, dessa forma, é o corpo, não podendo ser relegado a um segundo plano, como em relação à alma, que possui, para muitos, primazia sobre o corpóreo, concepção esta muito evocada por diversas religiões, especialmente as cristãs. Para Nietzsche, o que precisa ser efetivado, para que sejam suprimidos equívocos do pensamento em relação a este assunto, é a junção entre corpo e espírito:

Eu sou corpo e alma – assim fala a criança. E por que não poderíamos falar como crianças? Mas o homem desperto, aquele que sabe, diz: Sou corpo de lado a lado, e nada mais; e Alma é apenas uma palavra para alguma coisa que pertence ao corpo (LEFRANC, 2005, p. 121).

É necessário lembrar que o sentido de alma compreendido por Nietzsche não tem relação alguma com o conceito de “alma” utilizado pelo Cristianismo. Nesta, segundo o filósofo, a noção de alma, assim como tantos outros termos, tem a finalidade de desnaturalizar o homem, retirando deste a sua autonomia e força criadora.

Todos os conceitos da Igreja são reconhecidos pelo que são, a mais maligna falsificação que há, como o fim de desvalorizar a natureza, os valores naturais [...] Nós sabemos, nossa consciência hoje sabe – o que valem, para que servem as insignificantes invenções dos sacerdotes e da Igreja, com as quais se atingiu esse estado de autovalorização da humanidade, cuja visão pode causar nojo – os conceitos de “além”, “juízo final”, “imortalidade da alma”, a própria “alma”, são instrumentos de tortura, são sintomas de crueldade [...] (NIETZSCHE, 2007, §38, p. 44).

Nietzsche (2008, §19, p. 24) utiliza o termo alma sob uma perspectiva fisiológica. “Pois nosso corpo é uma estrutura social de muitas almas”, ou seja, para o filósofo alemão, o corpo é constituído de pequenas estruturas, sendo a alma o conjunto desses microscópicos seres. Dessa maneira, Nietzsche afasta a concepção do “Eu” enquanto agente produtor de pensamento.

Costuma-se comumente relacionar este “Eu” à consciência, atribuindo ao primeiro as características do segundo, mas, para Nietzsche, a consciência “surgiria da relação do organismo com o mundo exterior, relação que implica ações e reações de parte a parte” (MARTON, 2001, p. 176)

Como se pode detectar, a filosofia nietzschiana enfatiza a importância do corpo, e a psicologia relacionada com este, como agente essencial para a produção daquilo que o homem denomina de conhecimento:

Entendendo que pensamentos, sentimentos e impulsos já se acham presentes nas células, tecidos e órgãos, Nietzsche não se limita a afirmar que os processos psicológicos teriam base neuro-fisiológica, mas, mais do que isso, procura suprimir a distinção entre físico e psíquico (Idem, p.173).

Nenhuma das concepções do filósofo recaem sobre teorias metafísicas, ao contrário, o fisiológico, o corporal e o orgânico recebem uma expressiva valorização no pensamento do filósofo alemão. A própria consciência, segundo ele, nada mais seria do que um órgão de orientação no homem, um dentre muitos.

A consciência é a última fase da evolução do sistema orgânico, por consequência também aquilo que há de menos acabado e de menos forte neste sistema. É do consciente que provém uma multidão de enganos que fazem com que um animal, um homem, pereçam mais cedo do que seria necessário [...] Enquanto uma função não está madura, enquanto não atingir o seu desenvolvimento perfeito, é perigosa para o organismo [...] A consciência é-o severamente (NIETZSCHE, 2003, §11, p. 48).

O erro das noções tradicionais acerca da consciência consiste no fato de que, para a tradição racionalista, no decorrer da história humana, ela teve a sua importância expandida, passando de singular órgão à unidade última de condicionamento do pensamento, como observa Scarlett Marton:

[...] Negligenciar o seu caráter simplificador implica fazer da consciência um meio de comunicabilidade, o critério supremo de valor [...] desconhece-se que está próxima dos instintos e chega-se a concebê-la como “unidade, essência, espírito, alma”. Primeiro, de mero órgão, passou a princípio unificador do organismo: núcleo do homem; depois, tornou-se o que faz ser o que é: sua essência; então, volatizou-se e converteu-se em Deus, modo superior de ser, instância última, critério supremo de valor. Superestimando-se a consciência, perdeu-se de vista que ela é infinitamente menos importante que as funções animais (2001, p. 89).

3. Da consciência à má consciência: a ação do sacerdote

Dostoiévski, em *Notas do Subsolo*, abordou a questão da consciência atrelada ao ressentimento: o personagem central da obra, um ex-funcionário público, reflete sobre sua vida, abordando para isso temas de natureza filosófica, sociais, morais, etc., sempre utilizando um tom hostil e ao mesmo tempo polêmico. É um personagem bastante denso, que vocifera constantemente contra aqueles com os quais não concorda, posicionando-se de forma negativa em diversos assuntos. Seu caráter ressentido está visivelmente vinculado à sua postura solitária e vingativa, um indivíduo cuja dor e angústia são “armazenados” em sua consciência.

O sofrimento é a única causa da consciência. E, embora eu tenha declarado no início que, em minha opinião, a consciência é a maior infelicidade para o homem, eu sei que o homem ama a consciência e não a trocará por satisfação alguma. A consciência, por exemplo, é infinitamente superior a dois mais dois. Depois de dois mais dois, evidentemente não restará nada, não só para se fazer, como até mesmo para se conhecer [...]. Com a consciência chega-se ao mesmo resultado, ou seja, também não haverá nada para fazer, mas pelo menos será possível sorrir a si mesmo de vez em quando, e isso anima um pouco, apesar dos pesares (DOSTOIÉVSKI, 2008, § 9, p. 46).

Esse homem do subterrâneo encontra na reclusão não só externa, ou seja, em relação ao mundo, quanto interna, dentro de si mesmo, a “proteção” contra o sofrimento, a

humilhação cotidiana que sofre ou acredita sofrer por parte dos outros. Sua negatividade enraíza-se na consciência e germina, sendo exteriorizada posteriormente, através de uma postura parasitária. É nesse processo que a memória dita saudável torna-se patológica.

O homem do subsolo, portanto, é o indivíduo que se minimizou, apaziguou-se, e tem consciência do seu estado de rebaixamento, mas não age, apenas reage, uma vez que se auto-impõe uma fraqueza, uma debilidade decorrente das adversidades que vive e sente. Suas lembranças dolorosas irão se fixar em sua consciência e, em um mecanismo de flagelação, repetem-se continuamente, uma vez que o homem do ressentimento é incapaz de esquecer, resultando no que Nietzsche denominou de Má-consciência, assunto que será mais aprofundado adiante.

A desfiguração do homem, seu adoecimento nas suas características mais subjetivas, por causa da má utilização e compreensão da consciência, deve-se, em grande parte, ao Cristianismo, através de invenções metafísicas, como o pecado, o castigo divino, a danação eterna etc., messianismos de doutrinação psicológica que servem para gravar na memória o que há de mais repressor e angustiante para o homem, segundo Nietzsche (2008, p. 51): “Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessar de causar dor fica na memória – eis um axioma da mais antiga, e infelizmente, mais duradoura psicologia da terra”.

E prossegue:

Em determinado sentido isso inclui todo o ascetismo: algumas ideias devem tornar indelévels, onipresentes, inexequíveis, “fixas”, para que todo o sistema nervoso e intelectual seja hipnotizado por essas “ideias fixas” – e os procedimentos e modos de vida ascéticos são meios para livrar tais ideias da concorrência de todos os demais, para fazê-las “inesquecíveis” (NIETZSCHE, 2008, §3, p. 51).

Através desses mecanismos de doutrinação, que antes de efetuavam através da tortura e da perseguição, impõem-se valores, credos etc., que com o passar do tempo, de geração em geração, tornam-se leis, “mandamentos”, baseados na “razão”, cujo objetivo seria a perfeita “regulação da sociedade”, mas o que existe de fato são homens que, sob o efeito da doutrinação, dessa domesticação, revertem-se de uma humanidade de caráter apenas exterior, enquanto que interiormente, recolhem-se em seus subterrâneos, sob pena inconsciente de, se rebelarem, sofrerem as sanções divinas e estatais.

Com a ajuda de tais imagens e procedimentos (de tortura, coerção, etc.) termina-se por reter na memória cinco ou seis “não quero”, com relação aos quais se faz uma promessa, a fim de viver os benefícios da sociedade – e realmente! Com a ajuda dessa espécie de memória chega-se finalmente “à razão”! – Ah, a razão, a seriedade, o demônio sobre os afetos, toda essa coisa sombria que se chama reflexão, todos esses privilégios e adereços do homem; como foi alto o seu preço! Quanto sangue e quanto horror há no fundo de todas as “coisas boas”! [...] (NIETZSCHE, 2008, §3, p. 52).

Conforme o fragmento acima, compreende-se que o homem foi domesticado por meio das mais diversas formas, sendo muitos dos seus instintos reprimidos; seus impulsos foram colocados sob o estigma do erro, do crime e do pecado. O homem moderno é o resultado acabado desse processo. A regulamentação desse controle é feita através do “não roubarás”, “não mentirás” etc., efetuada principalmente pelas instituições religiosas, como se o homem não fosse capaz de regular a si mesmo, precisando de alguém que o oriente, de um pai norteador. Tal concepção é hoje sustentada, e incansavelmente repetida, resultando daí que a

consciência do homem moderno preenche-se de “não devo”, “não posso”, “não consigo sozinho”. O homem do subsolo dostoiévskiano é um exemplo desse tipo de indivíduo. Sua impotência em agir, em tornar-se algo é bastante evidente.

4. Moral do ressentimento

Nesta esfera, a das obrigações legais, está o foco de origem desse mundo de conceitos morais: “culpa”, “consciência”, “dever”, “sacralidade do dever” – o seu início, como o início de tudo grande na terra, foi largamente banhado de sangue. (NIETZSCHE, 1998, p.55)

Em *Para uma Genealogia da Moral*, Nietzsche, na segunda dissertação, aborda a questão da crueldade como fator intrínseco ao ser humano. Em tempos passados, segundo o filósofo alemão, a civilização compreendia a crueldade como parte da sua própria natureza, sendo até mesmo, por vezes, o ato cruel concebido e executado sob um aspecto festivo. Nesses tempos, ainda não impregnado de valores morais cristãos e, portanto, sem os deveres morais para embotar-lhe a consciência, o homem não reprimia a sua característica tendência à crueldade, dessa forma, nessas épocas, ser cruel, sob certos aspectos, era concebido como uma característica natural. Cita-se aqui os incontáveis casos na história da humanidade de enforcamentos, empalamentos, flagelamentos, utilização na fogueira pela Igreja Católica e já em períodos próximos, o uso da guilhotina, muitas vezes sob o resguardo do Estado, que legitimava, ou ainda legítima, em aspectos legais e jurídicos, essas, hoje consideradas, atrocidades.

Essa mudança de concepção acerca da crueldade em muitos aspectos se deve ao cristianismo, com seus utópicos mandamentos de “não matarás”, e “amor ao próximo”, e também com o avanço dos códigos penais, cuja criação de novas leis e penalidades, conduziram à diminuição da crueldade, instinto este que foi, portanto, descaracterizado e reavaliado sob uma ótica negativa, fazendo com que o homem atenuasse, ou melhor, reprimisse essa parte da sua natureza.

Em busca da prometida vida edênica, da eternidade e da bem-aventurança prometidos, o indivíduo teve que reprimir a sua inclinação à crueldade, mas repressão não é eliminação, o que nos possibilita afirmar que esse fator permanece atuante no homem, mesmo que disfarçada, sendo que ao homem coube criar mecanismos para o extravasamento dessa crueldade, como nos diz Nietzsche acerca da arte trágica:

Diante da tragédia, o que há de mais guerreiro em nossa alma festeja seus saturnais; aquele que está habituado ao sofrimento, aquele que busca o sofrimento, o homem heroico, exalta a sua existência com a tragédia – apenas a ele o artista oferece o trago desta dulcíssima crueldade (2006, IX, §24, p.78).

Conforme Nietzsche, essa sutileza artística da violência tem como objetivo disfarçar o desejo do indivíduo à crueldade, utilizando para isso a arte para que: “Não despertassem suspeita nem mesmo na mais delicada e hipócrita consciência (a compaixão trágica é um desses nomes) (1998, §7, p. 57).

Crueldade esta que atingiu seu valor e medida justa na questão do credor-devedor. Ao primeiro cabia imputar castigos corporais ao segundo que variavam de intensidade conforme a extensão da dívida deste. Estabeleceu-se dessa forma o castigo, a punição ao devedor, que mais tarde receberia a denominação de criminoso. Sobre este, argumenta Nietzsche:

O criminoso é um devedor que não só não paga os proveitos e adiantamentos que lhe foram concedidos, como inclusive atenta contra o seu credor: daí que ele não será apenas privado de todos esses benefícios e vantagens, como é justo, - doravante lhe será lembrado, o quanto valem esses benefícios. A ira do credor prejudicado, a comunidade, o devolve ao estado selvagem e fora-da-lei do qual ele foi até então protegido: afasta-o de si – toda espécie de hostilidade poderá então se abater sobre ele (1998, §9, p.61).

É possível entrever nessa relação entre credor/devedor as duas questões até agora abordadas: a crueldade, por parte daquele que infringi ou exige o castigo, e a consciência do castigo sendo embutida no pensamento do homem. Se alguma lei, seja dos homens, seja de Deus, for desrespeitada, o criminoso sentirá todos os rigores legais na retratação do seu erro.

A questão do crime e da punição sempre foi tema recorrente na obra de Dostoiévski. Em sua obra *Crime e Castigo*, esse tema consolida-se claramente com o assassinato cometido por Raskólnikov contra sua credora, resultando daí uma série de consequências ao homicida, que vão desde o psicológico, enfoque que não pode ser esquecido tanto no filósofo quanto no romancista, através da má consciência e o seu esgotamento nervoso, até o físico, com sua prisão, passando até mesmo pelo espiritual, entrevisto através do seu suposto arrependimento e da sua busca por redenção.

Em Raskólnikov há o reflexo do criminoso nietzschiano. Estudante de direito, vivendo em completa miséria, Raskólnikov faz empréstimos com a velha agiota chamada Aliena Ivanovna. Depois de uma série de reflexões, nas quais há a justificativa de que aos homens extraordinários tudo é permitido, Raskólnikov assassina Aliena e também, acidentalmente, a irmã desta na simples intenção de roubá-la.

Executando todo o seu plano de forma “racional” e “lógica”, Ródia acreditar ter esse direito: o de matar, por se encontrar na excepcional condição de homem extraordinário, tal qual Napoleão, que em muitas batalhas, sob seu comando, milhares de pessoas morriam e ainda assim era ovacionado pelo povo. Tal era o raciocínio do estudante.

O que se detecta em Raskólnikov é o tipo de intelectual moderno, semelhante a Kiríllov, de *Os Demônios*, cujas convicções idealistas são as justificativas para atos extremos. Em diálogo com Porfiri Petrovich, Raskólnikov explica sua distinção de homens extraordinários e homens ordinários:

O homem extraordinário tem o direito, não oficialmente, mas por seu próprio alvitre, de autorizar a sua consciência a passar por cima de certos obstáculos, no caso especial em que assim o exija a realização de seu propósito, o qual, às vezes, pode até ser útil ao gênero humano [...] Recordo-me que em vários pontos do artigo desenvolvo a ideia de que todos os legisladores e guias da humanidade, a principiar pelos mais antigos, continuando por Licurgo, Sólon, Maomé, Napoleão etc., que todos, sem exceção, foram criminosos já pelo fato de promulgar novas leis, violando, portanto, as antigas [...] Certamente não recuariam ante o derramamento de sangue, desde o momento em que este (muitas vezes inocente e derramado de forma virtuosa em defesa das leis antigas) lhes pudesse ser útil (DOSTOIEVSKI, 2002, p. 264-265).

Sobre este homem extraordinário dostoiévskiano, é possível estabelecer relações com o homem ativo nietzschiano, uma vez que, para este:

O homem ativo, violento, excessivo, está sempre bem mais próximo da justiça do que o homem reativo; pois ele não necessita em absoluto avaliar o seu objeto de modo falso e parcial [...] Efetivamente por isso o homem agressivo, como o mais forte, nobre, corajoso, em todas as épocas possui o olho mais

livre, a consciência melhor: inversamente, já se sabe quem carrega na consciência a invenção da “má-consciência” – o homem do ressentimento (NIETZSCHE, 1998, p.63-64).

O indivíduo ativo, soberano, que se livrou da “camisa de força moral”, aristocrata em outrora, é senhor de si e detentor de uma autonomia única: “o *indivíduo soberano*, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume, indivíduo autônomo supramoral [...] em suma, o homem da vontade própria (NIETZSCHE, 1998, p. 49). Detectam-se tais características em Raskólnikov. Sua atividade e iniciativa, apesar de voltada para a execução de um crime, pode ser compreendida sob uma ótica senhorial de autonomia, uma vez que ele rompe com leis e morais que permeiam o pensamento e a conduta de grande parte dos indivíduos. Necessário aqui fazer uma ressalva no que tange à interpretação de Nietzsche e Dostoiévski sobre o homem livre. Para o primeiro, a liberdade, em sentido nietzschiano, é a condição para a soberania desse tipo de sujeito, sem essa condição ele não irá se distinguir dos demais. Dostoiévski concebe a liberdade sob um viés diferente. Para ele, essa liberdade afasta o homem de Deus, o que o conduzirá ao erro e à fatalidade, como ocorre com Raskólnikov, que não suporta o resultado da livre ação, uma vez que sofre a pressão moral da sociedade na qual é inserido inevitavelmente.

Pesa-lhe na consciência o assassinato praticado e a modificação desta em má-consciência inicia-se com o aprofundamento da sua relação com Sonietchka, meretriz cristã que reforça em Raskólnikov o sentimento de remorso e a necessidade de remissão para seus erros através do castigo, da punição:

- O que hás de fazer? – exclamou a moça (Sônia), levantando-se do seu lugar [...] Levanta-te! – e dizendo isso o agarrou (Raskólnikov) pelo ombro; ele levantou-se um pouco e olhou para Sonia com um ar surpreso. – Vai imediatamente, neste mesmo instante, a uma encruzilhada, ajoelha-te no chão e beija a terra que manchaste; em seguida inclina-te para todos os lados e grita a toda a gente: “Eu matei!” Então Deus te restituirá a vida. Vais? Vai? [...] - Então tu queres que eu vá para a prisão, Sônia? Queres que eu vá denunciarme, não é verdade? – perguntou com ar sóbrio. - É preciso que aceites o sofrimento e te redimas por meio dele (DOSTOIEVSKI, 2002, p.422).

Sonietchka atua como o agente que desenvolve no estudante homicida a má-consciência, através da exortação ao arrependimento, à necessidade de redenção por meio do sofrimento, concepções nitidamente cristãs, o que nos leva a deduzir que no cristianismo a má-consciência é um fator presente e bastante atuante, que se oculta no cerne de conceitos como pecado e redenção. Sônia assume a função, segundo a ótica nietzschiana, de ponte entre Raskólnikov e o sacerdote, posto que, segundo Gilles Deleuze:

É o sacerdote cristão que faz a má-consciência sair do seu estado bruto, animal, é ele que preside a interrogação de dor. É ele, sacerdote-médico, que cura a dor infeccionando o ferimento. É ele, sacerdote-artista, que conduza má-consciência a sua forma superior: a dor, consequência de um pecado. (1976, p.109).

O sacerdote, ao tornar um indivíduo forte em seu oposto, busca, através da perspectiva ideológica e psicológica, efetivar um controle sobre esse tipo “rebelde”. Um processo bastante interessante que segue vários percursos, mas que culminam com um só objetivo, a dominação sobre o outro: este é colocado sob um ângulo de criminoso, por ter pretendido romper os “sagrados laços” que unem a sociedade dos homens. O poder corruptivo conferido a esse sacerdote é o resultado de uma guerra travada em épocas passadas, como explica Nietzsche

em *Para uma genealogia da moral*, entre senhores e escravos, no qual estes venceram com o auxílio dos sacerdotes, bastando lançar um olhar sobre Roma para constatar isso: “Quem venceu temporariamente, Roma ou Judéia? Mas não pode haver dúvida: considere-se diante de quem os homens se inclinam atualmente na própria Roma” (NIETZSCHE, 1998, §16, p.44). Todo aquele que não está inserido na maioria, ou seja, na parcela escrava da população, é excluído, marginalizado no sentido mais negativo do termo, isto já na intenção de enfraquecer os remanescentes senhoriais dessa guerra.

Sônia, corrompida pelos valores cristãos, corrompe também o jovem Raskólnikov, em um processo que visa o acréscimo do rebanho. Evidentemente que Sônia não tem consciência desse mecanismo no qual está inserida, figurando apenas como mais uma das inúmeras peças desse sistema declinante do homem, mas a premissa básica de algumas religiões cristãs é a “conversão”, o “arrebanhamento”, a “salvação em vida” do indivíduo. Na sociedade humana, o ato livre não é incentivado, muito menos permitido. A ordem não pode ser perturbada. Logo, o homem muitas vezes não consegue suportar as consequências de uma ação livre de condicionamentos morais, religiosos, jurídicos etc. As responsabilidades em pensar são repassadas ao outro, no caso o sacerdote, ele dirá o que deve ser feito, o que deve ser dito, seguido, ingerido, assimilado como verdade intocável, sendo de única responsabilidade do indivíduo cristão seguir tais preceitos sem questionar. É o que faz Raskólnikov diante de Sônia. Esta, instruiu o estudante em cada passo à “conversão”.

- Que sofrimento! – gemeu Sônia.
- Então, que devo fazer agora? Fala – bradou ele, tornando a levantar a cabeça, o rosto medonhamente transfigurado.
- Que fazer? – exclamou a moça; depois deu um pulo, atirou-se para ele, enquanto os olhos, até então cheios de lágrimas, cintilaram repentinamente. – Levanta-te. (Ela lhe pegou no ombro, ele se ergueu, olhando-a estupefato.) Vai já, vai já até a primeira encruzilhada, ajoelha-te e beija a terra que manchaste e inclina-te, depois, diante de cada transeunte, e para todos os lados, proclamando: “Eu matei”. Deus então te restituirá a vida” (DOSTOIEVSKI, 2002, p.189).

Sônia fala com a autoridade de um sacerdote e traça todo o trajeto a ser seguido por Raskólnikov para o início da sua recuperação. Tamanha é a autoridade da moça que ela chega até mesmo a falar em nome de Deus, afirmando ao jovem homicida que se seguir os seus conselhos ele terá sua vida restituída.

Em muitas culturas a encruzilhada é um local místico, no qual dois ou mais caminhos se cruzam, lugar no qual poderes transcendentais se deparam. É, também, associada ao símbolo da porta, passagem, para algo novo, geralmente de uma mudança de vida para outra. Possivelmente o contexto de encruzilhada no referido romance está mais próximo desse último sentido, uma vez que Raskólnikov, com o seu arrependimento e posterior conversão, deixaria a vida anterior, maculada pelo assassinato cometido, para iniciar uma nova.

É preciso ressaltar que o ato de Raskólnikov não pode ser considerado um ato livre no sentido nietzschiano. Foi antes o raciocínio de um niilista, para o qual a equivocada máxima “se Deus está morto, então tudo é permitido” era válida. O estudante, portanto, não é nem um indivíduo extraordinário e muito menos um além-do-homem, cuja possibilidade de criação de novos valores vale somente para as suas potencialidades e não para práticas delituosas. O que está em análise, especificamente neste trabalho é a forma como o cristianismo arrebanha novos integrantes, ou seja, os debilitados moralmente, os que não sabem julgar por si, os espíritos governáveis. Raskólnikov é exposto na obra como um indivíduo adoentado, acometido constantemente de febres, alucinações, vaga sem rumo, em outras palavras, o candidato ideal para o rebanho.

O meio proposto pelo cristianismo para a expiação dos erros cometidos é quase sempre de cunho humilhante. “Beijar a terra”, “Ajoelhar-se”, gritar a todos o seu crime, ações que visam minar no indivíduo qualquer sentimento de rebeldia, de livre iniciativa ou pensamento crítico. É preciso inclinar-se a um poder maior, soberano, o da ideologia de uma entidade superior, em nome da qual fala qualquer pessoa que se julga apta. Sônia cumpre essa função com bastante eficácia. Ressalta a todo o momento em sua conversa com Raskólnikov (após este ter confessado à moça seu crime) o sofrimento pelo qual o rapaz passará se continuar a negar o reparo de seu erro: “- Deves aceitar o sofrimento, a expiação, como meio de resgatar teu crime” (DOSTOIEVSKI, 2002, p.190). A aflição é constantemente enfatizada. Transgredir as leis divinas é afastar-se de tudo aquilo que é bom e saudável, harmonioso. A moral presente em *Crime e Castigo* é a moral cristã: um indivíduo agiu de modo independente, sem orientação devida, escapando, ou tentando escapar das regras estabelecidas, tanto em nível estatal quanto em cultural. Sem forças para sustentar sua decisão, tal indivíduo adentra em um turbilhão de incômodos, penúria e desgraça. Eis a recompensa por se afastar de Deus, diz o preceito cristão. Dostoiévski adota essa perspectiva de liberdade, pecado e moral.

Todo autor que trabalha com antropologia teológica acaba entrando nestes três níveis: o moral, que é o nível de certo e errado, o nível de discussão da liberdade; o epistemológico, que é o da discussão do conhecimento – o que eu sei; o que sou capaz de ter certeza que sei; e o nível psicológico, cuja discussão é a natureza humana. Em Dostoiévski, a moral está sempre em primeiro lugar, porque ela se refere ao fato do ser humano ser livre, que é exatamente o que ele não quer ser desde o pecado (PONDÉ, 2003, p.181).

Uma vez transgredidos os valores que norteiam a sociedade e a religião, Raskólnikov é condenado e, sob certo ângulo, posto à margem da sociedade. Sônia advertiu-lhe sobre as consequências da sua atitude criminosa, que lhe acarretariam a solidão, o afastamento, a marginalidade. Aqui novamente entra em distinção a postura do senhor e do escravo: enquanto o primeiro vê com bons olhos a distância, o segundo necessita do grupo, da coletividade para se achar protegido: “- E viver? Como viverás? De que viverás? – Exclamou ela (Sônia) [...] E agora, como hás de ficar fora da humanidade? O que há de ser de ti agora? [...] Vais viver atormentado, vais viver atormentado! - repetia ela” (2002, p.422-423).

Este “ficar de fora da humanidade” encontra seu reflexo no que Nietzsche denominou de rebanho. Raskólnikov, ao cometer o homicídio, foi privado das benéficas sociais, tornou-se um criminoso, uma marginalizado, mas o cristianismo, cuja base teórica é o perdão, acolhe-o para torná-lo mais uma ovelha domesticada em seu rebanho. Se ele sofria, era por causa das suas convicções ideológicas, mas o sofredor, o pecador encontra “refúgio” no rebanho, cujo conforto é, geralmente, anunciado pelo sacerdote:

Ele (sacerdote) traz unguento e bálsamo, sem dúvida, mas necessita primeiro ferir, para ser médico; e quando acalma a dor que a ferida produz, envenena no mesmo ato a ferida – pois disso entende ele mais do que tudo, esse feiticeiro e domador de animais de rapina [...] ”Eu sofro: disso alguém há de ser culpado” – assim pensa toda ovelha doente. Mas o seu pastor, o sacerdote ascético, lhe diz: “Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser o culpado: mas você mesma que é esse alguém – somente você é o culpado de si!...” Isto é ousado bastante, falso bastante: mas com isso se alcança uma coisa ao menos, com tudo isto, como disse, a direção do ressentimento é – mudada (NIETZSCHE, 1998, p.116-117).

Essa mudança em Raskolnikov é o redirecionamento da consciência à má-consciência, processo este que Nietzsche denominou de má-nova do cristianismo.

A má-consciência presente em Raskólnikov configura-se como uma característica do cristão moderno, assim como também o criminoso, pois mesmo que o cristão não seja de fato um criminoso, sua consciência, impregnada de diretrizes morais, afirmará o contrário toda vez que a palavra “pecado” afigurar em seu pensamento para denominar uma ação que ultrapassou os limites estabelecidos pelo cristianismo.

É o que ocorre com Raskólnikov ao longo de todo o romance. Inicialmente convicto da legalidade do seu crime segundo suas próprias leis, ele modifica, aparentemente, seu posicionamento no fim da obra.

Entretanto, Raskólnikov, assim como muitos personagens de Dostoiévski, não podem ser compreendidos e classificados sob uma ótica simplista: a do crime e do arrependimento e posterior conversão, isto porque o homem é uma fonte de contradições. Não se pode falar em uma conversão definitiva em Raskólnikov, mas apenas o início de um processo que se assemelha a isso. É essa quase impossibilidade de definição dos personagens dostoiévskianos que o trazem para mais perto de um realismo que impressiona pela sua verossimilhança. A psicologia presente em sua obras, em comparação com o pensamento de Nietzsche, levam-nos a traçar um perfil mais difuso do homem, principalmente quando se tratar do homem ressentido, refém da sua má-consciência.

Sem dúvida o estudante é um criminoso, contudo, quantos indivíduos ditos “normais” não seriam capazes de cometer semelhante crime sob as circunstâncias e interesses próprios, conforme seus mais pessoais e obscuros desejos? A intenção neste trabalho não é abordar a questão de certo ou de errado, mas reconhecer que o homem, dada a sua natureza ambígua, é capaz de praticar as mais diversas ações, até mesmo aquelas às quais ele aparentemente não tinha inclinação alguma, não somente por causa da sua personalidade, mas também por fatores que lhe são externos. Quanto não se matou em nome de Deus? Quantas guerras não foram iniciadas por uma “boa e justificada causa”, as quais conduziram a milhares de mortos. O assunto, como não deveria deixar de ser, é bastante complexo, Nietzsche e Dostoiévski dão sua contribuição para esse enigma chamado homem.

5. Considerações finais

Dostoiévski escreveu obras de valor literário inegável. Seus romances com frequência extrapolam o nível literário e com grande facilidade adentram outras áreas sem qualquer dificuldade, o que demonstra o elevado nível de qualidade de seus escritos. Suas personagens, densas, ambíguas etc., atingem um grau de complexidade que poucos escritores no mundo conseguem em seus escritos. Entretanto, certo pessimismo pode ser detectado em suas obras. Em *Crime e Castigo* tem-se o exemplo de um desses casos em Raskólnikov.

O homem, conforme pode-se avaliar na obra dostoiévskiana, não possui a capacidade de autogerência, autonomia e liberdade. Ao ver-se só, esse homem, sem seu elemento norteador metafísico, encontra-se desamparado e inclinado ao que é destrutivo. É o que diz Dostoiévski através de Raskólnikov, como se o homem fosse uma criança que, sem uma tutela superior, estivesse perdido. Esse olhar de extrema desconfiança do escritor russo é fundamentado na religião, única forma de salvação do homem, segundo Dostoiévski. É nos preceitos religiosos que estão os verdadeiros valores para a orientação da humanidade. Afastar-se desses ensinamentos é trilhar o vazio e caminhar para a destruição.

Nietzsche, por sua vez, observa esse posicionamento do homem moderno de um modo diverso. A suspensão de valores não significa que outros não serão inseridos em seu lugar.

Esse pode até ser considerado um processo natural. Nietzsche, contudo, aponta para a questão de que não adianta trocar valores por outros de igual natureza, uma religião por outra. O veneno ingerido à força ou tomado como um néctar tem o mesmo efeito. A questão, segundo o filósofo alemão, não é mais apenas escutar e aceitar. O ato desejado agora é o da criação. Uma vez iniciado o estágio do niilismo, subtraído os antigos valores, passa-se ao novo patamar: criar os seus próprios, os quais levam em consideração a potencialidade de cada um, aquilo no que pode erigir, conquistar para si. Matar uma idosa e sua irmã, tal qual fez Raskólnikov, não é uma demonstração de força nem de superioridade, muito menos justificável. Colocando-se a parte sua complexidade psicológica, o que o estudante fez é simples assassinato, homicídio.

Dostoiévski e Nietzsche nos apresentam uma dupla visão do fenômeno do niilismo, entretanto a questão não é sobre esse acontecimento e suas consequências, mas sim sobre o homem. Este é digno ou não de confiança? A morte de Deus apresenta-se como uma metáfora, por assim dizer, para a vida humana. Levada para um contexto mais simples, mais cotidiano, tal morte é-nos apresentada no dia-a-dia, diante de situações nas quais devemos escolher entre este ou aquele caminho: ajudar ou não, questionar ou manter-se calado, denunciar ou conservar-se conivente. A decisão será sempre pessoal e imprevisível.

Referências bibliográficas:

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução Edmund Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

DOMENICO, Losurdo. **Nietzsche, o rebelde aristocrata**. Tradução de Jaime A. Clasen. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Notas do subsolo**. Tradução do russo de Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

FRANK, Joseph. FRANK, Joseph. **Dostoiévski As Sementes da Revolta 1821- 1849**. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Dostoiévski Os Anos de Provação 1850-1859**. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. **Dostoiévski Os efeitos da Libertação 1860-1865**. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2002.

_____. **Dostoiévski O manto do profeta, 1871-1881**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

GIACÓIA, Oswaldo. **Nietzsche como psicólogo**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2001.

HATAB, Lawrence J. **A genealogia da moral de Nietzsche: uma introdução**. Tradução Nancy Juozapavicius. São Paulo: Madras, 2010.

HÉBER-SUFFRIN, Pierre. **O “Zaratustra” de Nietzsche**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. 2º Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Nietzsche: civilização e cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. Jean Melville. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.

_____. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 a.

_____. **Assim falava Zaratustra**. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Humano, demasiado humano**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005 b.

_____. **O Anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O caso Wagner: um problema para músicos/Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PECORARO, Rossano. **Nilismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o Romance Moderno. **Texto e Contexto I**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**. Tradução Lya Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2011.

SOUZA, Mauro Araújo de. **Nietzsche: Viver intensamente, tornar-se o que é**. São Paulo: Ed. Paulus, 2009.

VOLPI, Franco. **Nilismo**. Trad. Aldo Vanucchi. São Paulo: Edições Loyola, 1999.